

Eleição Presidencial Discurso do Lula

Um dos mais fortes argumentos do Lula, no debate político que começa a tomar forma no país, é o "o custo de não fazer". "É preciso começar a ser discutido, o custo de não fazer a reforma agrária, de não acabar com o analfabetismo, o custo de não fazer a transposição do Rio São Francisco", afirmou ele. Seu ponto mais fraco é o de não dar garantias de que defenderá a moeda e o de propor a volta do protecionismo.

O GLOBO

O terno azul-marinho tem bom corte e veste bem. O sapato já tem o couro gasto e a linha da costura está soltando. Ele chega no Bar PT, uma copinha no segundo andar do comando do partido em São Paulo e, enquanto é preparada a luz para a entrevista que concedeu à Globo News, Lula explica os detalhes do que veste.

— Quando gosto de uma roupa não tiro mais. Agora estou assim com este terno. Este sapato tem uns dez anos. Ele está acabando, mas a sola, olha, está inteira.

Suas idéias parecem assim também: umas gastas, outras começam a compor um novo figurino. A dúvida é se ficará pronto para esta eleição. Na entrevista, ele defendeu a qualidade dos serviços da telefonia estatal brasileira — a mesma que excluiu 70% dos brasileiros do direito de usar o produto. Ele diz que a Telebrás foi um salto, e que seus serviços foram deliberadamente deteriorados como estratégia para forçar a privatização:

— A Telebrás funciona, mas não chegamos à perfeição porque somos um país pobre.

Difícil concordar e, principalmente, difícil se conformar com o destino de uma telefonia ruim, que atravanca o progresso, pelo fato de sermos "um país pobre". Mas ele toca num ponto nevrálgico: por que vender a empresa tão perto das eleições? Difícil tirar-lhe a razão neste ponto. Véspera de eleição é tempo de país dividido, pela própria natureza do debate. Decisões dramáticas como esta deveriam ser adiadas. Critica também o hábito do BNDES de financiar o comprador. "O Governo privatiza com dinheiro público, e depois empresta para a empresa investir." Este sempre foi um ponto controverso, mesmo para quem é favorável à privatização.

Lula dá um passo adiante quando admite que "erramos na avaliação do efeito do real para a população e por isso perdemos a eleição". Mas nega o passo seguinte. Quando pergunto se ele defenderia a moeda em caso de ataque especulativo, ele prefere culpar o Governo por ter na sua visão "deixado o país ficar subordinado ao capital especulativo".

A estratégia do PT é não discutir a estabilidade. "Só quem quer discutir o real é o Fernando Henrique. Seu calcanhar-de-aquiles é o efeito do real. Queremos discutir o pós-real.", disse Lula. Só daria certo esta estratégia se ele desse garantias de que defenderá a estabilidade. "Não basta apenas controlar a inflação, a es-

tabilidade verdadeira tem outro tipo de política econômica e social", diz. Claro que é preciso discutir os passos seguintes, principalmente os da área social, mas o discurso petista passa um perigoso descaso com a estabilização, como se ela só tivesse trazido problemas colaterais.

A oposição argentina é diferente. Diz que não discute a estabilidade porque ela é indiscutível e aí inclui a política cambial, a "convertibilidade". A senadora Graciela Meijidi me explicou de forma clara por que havia consenso sobre este ponto no país:

— A inflação era um sofrimento muito grande para os mais pobres, porque o pouco que tinham era nada.

Esta consciência a oposição brasileira parece não ter. Quando perguntei ao Lula se o aumento das vendas, que ocorreu em praticamente todos os bens de consumo, não seria prova de que houve aumento de renda no país, ele admitiu que a população teve uma renda "minimamente maior", mas em seguida disse que isto foi consequência da abertura do país para os importados supérfluos. Avisa que elevará a tarifa de importação de tudo o que não for essencial, imporá cotas nas importações de automóveis, e só deixaria impostos baixos para a importação de bens que são fundamentais para o desenvolvimento, porque o Brasil tem de produzir "aqui dentro" o que consome. Uma retórica que lembra muito a velha política geiselista. Tempera este acesso de protecionismo com uma frase animadora.

— Ninguém quer fechar o Brasil. O mundo ficou pequeno diante do avanço tecnológico.

Lula repete sempre que o câmbio está sobrevalorizado, mas pressionado a explicar como resolveria isto, ele mostra o resultado dos debates internos no partido.

— Tem de fazer paulatinamente. De acordo com as circunstâncias nacionais e internacionais. Não pode ser num choque.

A desprivatização também seria respeitando os limites das leis.

— É preciso saber primeiro que tipo de maracutaia houve.

Na discussão sobre de onde tiraria o dinheiro para fazer a reforma agrária com uma canetada, ele introduz o conceito de discutir no déficit público o custo de não fazer determinadas políticas, cujo atraso provoca tanto prejuízo ao país. Esta é certamente uma tese forte que ele deve explorar bastante nesta campanha que começa.



• O ex-ministro Marcílio Marques Moreira dará hoje a aula inaugural dos MBAs de Finanças e Administração no Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec). O economista vai falar sobre o momento econômico e político do país e os reflexos da crise do iene na economia brasileira.

• Da série lições do futebol: o grande risco é achar que o jogo é fácil, antes de começar a ser jogado.

COM LUCIANO DIAS

E-mail para esta coluna: paneco@oglobo.com.br